

Do acne e da felicidade

No documentário intitulado *Canção a meio*, realizado por Maria Remédio, aborda-se o processo de criação de *Montanha-russa*: apostados em criar um musical sobre a adolescência, em 2017 Inês Barahona e Miguel Fragata colocaram uma urna no átrio no Teatro Nacional D. Maria II e pediram aos espectadores que lhes cedessem, anonimamente, os seus diários de juventude.

O espectáculo seria criado a partir desses testemunhos íntimos — e assim foi. Durante o ano seguinte, esta dupla — que faz parilha na equipa criativa com outra dupla, de músicos: Manuela Azevedo / Hélder Gonçalves — percorreu várias escolas, convidou alunos para sessões de reflexão e debate, e fundou um *petit comité* consultivo formado por adolescentes que acompanharam os ensaios de *Montanha-russa* até à estreia. Desde Março de 2018, a peça já passou por mais de 15 cidades portuguesas e estrangeiras.

As quatro narrativas com que se constrói este texto são, portanto, inspiradas em figuras reais, colocadas num arco temporal que se

estende dos anos 70 até aos nossos dias. Estas quatro personagens viveram, em épocas diferentes, essa 'montanha-russa' de emoções que é a adolescência, tão dada a 'uma certa forma exacerbada de sentir'. Inês Barahona sublinha ainda que "nesses diários subjaz uma tensão permanente entre o desejo de segredo e o desejo de ser lido".

Em cena, as histórias destes quatro adolescentes desenrolam-se e entrelaçam-se diante dos nossos olhos, com o recurso constante à música *pop/rock* dos Clã: só do tema intitulado *A primeira vez* são-nos cantadas mais de meia dúzia de versões, incluindo aquela que é mesmo sobre 'a' primeira vez. Com um fio narrativo que recorre freneticamente à analepse e à prolepse, e sobretudo nunca se furtando aos altos e baixos típicos daquela que é a 'rainha dos carrocéis', nesta *Montanha-russa* revela-se ainda por que é que Manuela Azevedo tem a voz que tem, ou por que é que os adolescentes 'flipam' de todo quando ficam sem 'net'.

Recorrendo constantemente ao diálogo entre gerações — "Eu não



A dupla Miguel Fragata / Inês Barahona regressa ao Festival depois de *Fake*, em 2020

percebo nada do que este rapaz diz", ouve-se amiúde da boca da personagem mais velha —, eis um

espectáculo a que os adolescentes podem vir com os pais. Ou até mesmo sem eles.

Homenagem que foi lição

Para João Mota, ensinar é tão natural quanto respirar. Por isso aproveitou, em breves minutos, a noite de homenagem que o Festival lhe dedicou para explicar que a arte só será perfeita quando consiga conjugar "razão e sensibilidade". O fundador da Comunidade dedicou mais de cinquenta anos a este mote pedagógico. Algo em permanente construção.

Antes das suas palavras, ouviu-se um depoimento gravado, do actor Carlos Paulo, que enquadrava historicamente um percurso feito de lutas efectivas que o tempo

transformou em memórias afectivas. Ao agarrar-se a uma ideia de "monumento nacional" para definir João Mota, a crítica de teatro Eugénia Vasques, partiu pedra para melhor ir esbatendo o peso perigoso desta ideia. Falou de um "João Manuel Mota agregador de saberes de mestres tão diferentes como Ribeirinho ou Peter Brook", explicando ainda que o criador "foi um professor que ensinou os alunos a habitar um texto, em vez de o debitar".

Após a homenagem, Feydeau, passado pelo crivo de Mestre João Mota, tomou enfim conta do palco.



Da Inteligência Artificial

As cadeiras foram poucas para as dezenas de pessoas que assistiram ontem ao Encontro da Cerca, este ano dedicado ao tema *A Criação e a Inteligência Artificial*. Com moderação de Karla Pequeno, jornalista do *Público*, a sessão foi composta por dois painéis de oradores e procurou demonstrar a utilidade da inteligência artificial generativa enquanto ferramenta de apoio à criação.

Longe ainda de dominar a humanidade, a IA foi repetidamente comparada a uma criança em processo de aprendizagem, tendo ficado claro que, nesta fase, demonstra pouca competência em áreas como a lógica, a aritmética e o sentido crítico. No entanto, procura repetidamente aperfeiçoar-se através de perguntas, como salientou Carlos Pimenta. Esta busca constante por mais conhecimento,



© Rui Carlos Mateus

e o convite reiterado a um “pensamento diferente”, foram assaz inspiradores para o público que assistia, ficando no ar a ideia de

que esta ferramenta poderá ajudar-nos a ser efectivamente mais ‘honestos’ durante todo o processo criativo. | **Carolina Freitas**

A palavra a Zimmermann

Os Colóquios na Esplanada com os criadores que participam no Festival são aos dias úteis — e os nossos dias ficam realmente muito mais ‘úteis’ com estas conversas. Passado o fim-de-semana, regressam.

Amanhã conversaremos sobre um espectáculo que não tem palavras com Martim Zimmermann,

o autor de *Um dois três*. Para o criador suíço, que tem fãs em todo o Mundo, esta não é apenas uma peça com, e sobre palhaços: “Quería ser palhaço desde miúdo. Esta personagem está muito presente em todos os meus trabalhos. O que mais me fascina é a nossa vida interior, e a forma como nos revelamos uns aos outros. Estou

convencido de que somos todos loucos, lá bem no fundo. Os palhaços espelham-nos e mostram aquilo que realmente todos nós somos, ainda que não o saibamos”.

‘Entalada’ entre as duas sessões de *Um dois três*, esta conversa — às 18h00, moderada por Patrícia Cividanes — será um digestivo para quem já viu esta performance, em que participa o actor e bailarino português Romeu Runa, e um aperitivo para aqueles que irão vê-la logo a seguir.

Saber da poda

Este ano o curso de formação *O sentido dos Mestres*, que amanhã começa na Casa da Cerca, com o apoio da Share Foundation, será dedicado a uma componente menos visível do trabalho teatral. Iremos abordar a actividade de produção, esse clique

propulsor que se põe em marcha sempre que um projecto de maior ou menor escala é imaginado por um criador.

Para tal convidámos um verdadeiro *globetrotter* desta área — o italiano Franco Laera — a partilhar connosco a sua experiência. Laera é um homem habituado, em quatro décadas de trabalho, a grandes desafios, que por vezes nascem pretensamente pequenos mas que se agigantam em complicações. Robert Wilson, Peter Stein, Dario Fo,

Robert Lapage, Jerzy Grotowski, Lucinda Childs, Luca Ronconi, entre muitos outros, são alguns dos ‘monstros’ da cena mundial que viram criações suas serem produzidas por alguém que se define a si mesmo como um ‘homem-sombra’: “O produtor é como uma mãe ‘à moda antiga’, cuja ausência só notamos quando a camisa não está bem engomada, ou a massa cozeu demais. Se as coisas correrem bem, ninguém há-de agradecer-lhe no final”.

O sub-palco

É um mundo escondido. Uma enorme caixa de surpresas. Nos teatros, sobretudo aqueles ‘à italiana’, as tábuas em madeira do palco estão divididas em quarteladas, que são uns quadrados de tamanho variável. Esse retalhar do espaço cénico permite que nele se possam abrir e fechar alçapões. Era através deste truque que no passado surgiam em palco figuras assustadoras, envoltas em fumo ou em luzes, a simular chamas. Vozes vindas do centro da Terra. Nos autos sacramentais — por exemplo, de Gil Vicente — esta era uma forma de fazer o Inferno subir à Terra. Ou, num movimento simétrico, igualmente de grande efeito, alguém ser engolido. É o que acontece quando Orfeu desce ao Inferno.

Com a evolução técnica, os efeitos especiais sofisticaram-se e foi-se perdendo o hábito de abrir o palco ao ‘submundo’. Hoje em dia, muitos espectáculos são pensados para fazer digressões, e montados de forma mais *standard*, para irem a todo o lado. O sub-palco passou, com os anos, a ser uma área de arrumação, um espaço técnico, cada vez menos povoado por actores. Mesmo assim, nalguns teatros, em certos projectos o sub-palco, tendo altura suficiente, pode ser utilizado para apresentar espectáculos.

TEATROLOGIA

RESTAURANTE DA ESPLANADA

HOJE

Perna de peru no forno
Sardinhas fritas c/ salada de favas
Massa soba c/ beringela e laranja

AMANHÃ

Ervilhas com ovos escalfados
Bacalhau com natas
Salada de melancia e queijo feta

APP
FESTIVAL
DE ALMADA

